JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

MAIS SOBRE A INFLUENCIA DOS JESUITAS

(Artigo de 1894)

O papa e o geral dos jesuitas, o papa branco e o papa negro como os chama o povo de Roma, são dois poderes cosmopolitas, dos quaes o segundo ora se subordina, ou antes se alia ao primeiro, ora o influe, e domina, ou affronta.

Para bem se avaliar a acção de ambos é preciso não consideral-a só religiosa, mas politica, e sobretudo debaixo d'este aspecto.

Não teem sido pois constantemente as mesmas as suas relações, e tanto na egreja em geral, como na Sociedade de Jesus, sempre houve partidos, e ora uns ora outros prevalecem.

Regulemo-nos pela França e vejamos quaes eram as doutrinas politicas do clero francez desde 1830 a 1860, e quaes são agora, ou depois de 1877.

O bispo *Dupanloup* dizia em 1845:

«Nós queremos todas as «liberdades—as instituições «livres, *a liberdade de cons-«ciencia,* a liberdade politica «a civil, a industrial, a das «familias, da educação, das «ideias, e a igualdade peran-«te a lei! tudo isto acceita-«mos francamente.

O abbade Bautain, vigario geral da diocese de Paris, nas suas conferencias em *Notre-Dame,* de 1847 a 1848 «A liberdade politica n'um «povo é a condição da sua «existencia religiosa — uma «guerra continua ás más pai-«xões: defende o interesse «commum contra o egois-«mo, a unidade do Estado «contra as ambições indivi-«duaes — Com as suas lu-«ctas não é favoravel à paz «da existencia: mas quando «se trata da dignidade do «homem, das suas forças, «da sua grandeza, das pro-«vas a que está sujeito, en-«tão diremos, que aconteça «o que acontecer, convem «que os homens sejam acti-«vos com todas as prerога-«tivas e inconvenientes da «liberdade».

O bispo de Langres, Monsenhor Parisis, publicava a «*Theologia da liberdade,* «de que publicaremos al-«guns extratos ainda mais «positivos sobre a liberdade «dos cultos, sobre uma re-«ligião do Estado, sobre a «liberdade da imprensa, e «do ensino, e sobre o culto «publico, etc., etc.»

Em 25 de fevereiro de 68 o arcebispo de Cambraia escrevia: «A egreja foi a pri-«meira a proclamar ao mun-«do as ideias de liberdade, «de humanidade, e de fra-«ternidade universal.»

O cardeal, bispo de Bourges, em 6 de março — «Os «principios que vão come-«çar uma nova era, são os «que a egreja sempre pro-«clamou.»

Os bispos de Gap, d'Aix, de Chalons, de Nevers, affirmam nas suas pastoraes que «esses principios são a *ex-«pressão mais* pura do «Evangelho.»

«O mesmo os bispos de «S e é z, d'Angoulême, de «Nancy».

O bispo de Langres, ácerca do suffragio, accrescentava «o principio da «egualdade perante Deus é «rigorosamente posto em «pratica n'esta operação— «todos teem o mesmo direi-«to ao seu voto—Não exis-«te a menor differença entre «a linha do pobre, do servi-«çal do operario, do rico, e «do nobre: eis a realisação «social das palavras do «Apostolo: Não ha distinc-«ção alguma entre vós», etc.

No seu livro *A Democracia perante o ensino catholico,* o mesmo prelado ainda é mais expressivo.

Mas em 1856 os jesuitas de Paris foram accusados de liberalismo pelos de Lyon e de Roma.

Estes venceram. O abbade Godard, que em 1861 ainda ousou publicar a sua obra *Os principios de 89 e a doutrina catholica,* foi obrigado a retratar-se.

O conde de Montalembert, chefe dos catholicos liberaes, promoveu o congresso de Malines em 1863 contra os jesuitas—mas respondeu-lhe o *Syllabus* de 1864.

Pio IX declarou o catholicismo liberal mais funesto que a odiosa Communa de Paris.

Montalembert morreu desesperado contra Roma.

Desde então as doutrinas politicas do clero, hoje todo influido pelos jesuitas, mudaram, como veremos no artigo seguinte, e são essas as de Mermillot, de Cheneslong e do conde de Mun, formalmente expressas nos seus discursos diante dos bispos em nome das associações chamadas catholicas, e que são dirigidas por ultramontanos.

E são essas as que invocou o sr. Barros Gomes no seu artigo—*A Reforma Inicial.*

De modo que o sr. Barros foi uma caricatura de ultramontano na monarchia liberal, e uma caricatura de liberal no partido novo, que não é, nem hoje póde ser outra coisa senão um partido de jesuitas.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

GAZETILHA

Afinal... fui a Vianna!
como havia eu de ficar
se nem uma só tricana
ficou na villa d'Ovar?

Foram todas realmente
quantas ha na villa inteira
(refiro-me tão sómente
ás tricanas de *primeira*...)

O' que *diabas* á solta
as minhas lindas patricias!
Quer na ida quer na volta
ardi n'um mar de delicias.

Ellas tinham castanholas,
gaitinhas e pandeiretas,
e não sei que estranhas molas
nas pernas irrequietas...

Não póde haver bailadeiras
que saibam tão bem bailar,
como as tricanas vareiras,
tricanas que não tem par!

Eu fiquei tão encantado,
fiquei com taes comichões,
que vou ser *afficionado*
em todas as excursões.

Vou até promover uma
que decerto ha-de agradar,
porque é perto e porque, em summa,
nada deixa a desejar.

Fica desde já lembrada
uma excursão—obra prima
á freguezia d'Arada,
logar do Rego de Cima!

Subtil.

Voltaire e o Celibato dos Padres

I

Diz o auctor do Dicc. Philosophico

Está provado que os ecclesiasticos, longe de serem obrigados ao celibato na religião judaica, eram todos, pelo contrario excitados ao matrimonio, não só pelo exemplo de seus patriarchas, mas pela vergonha de ter de viver sem descendencia.

Todavia, nas epochas que precedem as desgraças da Judêa. apareceram seitas de rigoristas, essenios, therapeutas, herodianos, etc,. e algumas como a de essenios e therapeutas, os mais devotos não se casavam. Esta continencia era *uma imitação da castidade das vestaes estabelidas* por Numa Pompilio, da filha de Pithagoras que instituiu um convento, das sacerdotisas de Diana, da Pythia de Delphos, e ainda d'outras eras anteriores, de Cassandra e de Chrysis, sacerdotisas d'Apollo, e até das de Baccho,

Os primeiros Christãos, apesar de jurarem uma vida tão pura como a dos essenios e therapeutas, não fizeram uma virtude do celibato. Temos visto serem quasi todos os apostolos e os discipulos casados. S. Paulo escreveu a Tito: Escolhei por padre aquelle que tiver uma unica mulher, filhos fieis e não accusados de luxuria.

Diz o mesmo Timotheo: que o vigilante seja marido d'uma só esposa.

Parece ter em tão grande consideração o casamento, que na mesma carta a Timotheo, diz: a mulher tendo prevaricado salvar-se-ha sendo mãe.

O que succedeu no famoso concilio de Nicea, é digno de grande attenção. Alguns bispos, para seguir Sozoméne e Socrates propozeram uma lei prohibindo os bispos e os padres de tocarem d'ora avante em suas mulheres, porém, S. Paphnuço o Martir, bispo de Thebas no Egypto oppôz-se fortemente, e a sua replica foi acceite e seguida pelo concilio.

(Continua) *C. M.*

Outras cartas ao sr. Theophilo Braga

SOBRE O

"Firmamento„ e o "Noivado do Sepulchro„

VI

Quando me lembram a facilidade e a semceremonia do sr. Passos em presentear a sua musa com os meus versos, acto ainda mais inconsiderado do que impudente, tambem mais me espanto do que me indigno.

Tinha o *illustre* plagiario uma indole morbida, parecia modesto, e a sua frieza e reserva não me deixaram presumir, que tanto abusasse da minha boa fé.

Nas reuniões com litteratos não arriscava um conceito, nunca discutia, e desculpava-se do silencio com dizer que estava todo entregue ao *Digesto e ás Ordenações*—(Camillo C. Branco—Esboços) mas a verdade era porque sendo escassamente instruido, mesmo em litteratura, pouco viva e morosa a sua intelligencia, não se sentia capaz d'entrar nas conversas com vantagem.

Espanto-me do seu abuso de confiança:

1.°—porque foi enorme—aproveitou-se de tudo quanto me ouviu em Coimbra e n'aquella noite de 1854 de que já fallei.

2.°—porque as poesias, que reclamo, lhe foram recitadas em presença de Silva Ferraz, que, apezar de ser seu amigo, não negaria esse facto, se eu viesse a invocar o seu testemunho.

O certo é que não hesitou em prometer-m'o a *primeira vez*, que depois d'isso s'encontrou commigo em 1874 e na *Luvaria do Largo das Duas Igrejas* em Lisboa.

Espanto-me pela sua inconsciencia do assumpto do *Firmamento*, porque lhe era *impossivel* explicar d'onde as estancias se originaram.

Fundando-se a poesia sobre idéas oppostas ao *Systema* do *Mundo* de Laplace, livro, que lhe emprestou o sr. engenheiro E. Falcão, simulou que d'ahi a extrahira sem temer que lhe pedissem a razão porque em vez de seguir o grande mathematico ousou contradizel-o.

Sem embargo do meu aviso de que o *Firmamento* não se harmonisava com as opiniões correntes, o sr. Passos com a impavidez da ignorancia fingiu tel-o composto durante *quinze dias* (!) depois do emprestimo d'aquelle livro, que não intendeu nem podia intender, dizendo ao sr. Falcão—*«veja se ahi está a poesia da sciencia»*.

Parece incrivel!

E, segundo consta, remetteu a poesia a Alexandre Herculano. Com tal favor a recebeu o nosso illustre homem de lettras, que o unico retrato pendente da sua bibliotheca era o do ridiculo plagiario Soares de Passos!

Tendo-me queixado do roubo dos versos ao sr. Bulhão Pato, disse-me este meu amigo e illustre poeta—havemos de ir a *Valle de Lobos, «o Alexandre hade gostar de saber isso»*.

Não fomos, por que eu só queria ir munido do attestado de Silva Ferraz—que falleceu no anno seguinte estando eu em Aveiro, como já contei, esperando voltar em breve a Lisboa.

Espanto-me porque era de suppor que eu tivesse recitado as poesias a outros, o que de facto succedeu com o Firmamento como por exemplo, em 1854, a Alves Matheus, que n'esse anno foi meu hospede em Coimbra, e a Antonio Girão no anno seguinte.

Espanto-me, porque eu podia tel-as publicado antes do sr. Passos, ainda assim não evitava a anti-data do *Bardo* para o *Noivado!*

Até 1860 ignorei a rapinagem, que foi a sua verdadeira gloria, e apenas soube d'ella, quando na Livraria Moré do Porto pedi o livro do sr. Passos e abrindo-o exactamente no sitio onde está o *Firmamento*, e não encontrando alguma nota a declarar o seu legitimo autor, mas sim outras poesias, que me pertencem, não pude occultar a minha indignação e

despeito, reparei que me estava ouvindo o sr. dr. Gonçalves Mamede, o medico, peço-lhe que me acompanhe a casa de Soares de Passos, ao que se prestou; no meio da praça de D. Pedro pergunto-lhe, onde é que mora Soares de Passos?

Alli defronte, junto aos paços da camara, o irmão, porque o poeta morreu.

Então voltemos, ia V. Ex. assistir a uma scena desagradavel, que já devia prever; d'esta occorrencia ainda se lembrará o sr. Magalhães, dono da livraria dos Loyos, invoco a sua remniscencia.

Fiquem pois satisfeitos os que me perguntam, porque não reclamei durante a vida do poeta.

Não revela o sr. Passos nenhuma genealidade no maior numero de poesias, que se acham no seu livro—tendo já 27 annos em 1854 quando saiu da universidade e publicando os seus versos em 1856 não mediou tempo sufficiente para uma transformação e apuro do seu talento.

Pondo de lado as poesias, que não lhe pertencem, inclusivé os themas, que *apenas metrificou*, e só analysando as filhas legitimas do seu estro, notam-se n'estas duas cores, n'umas o lamento convencional, chocho d'impressões e de idéas, n'outras o enthusiasmo empolado e vulgar pelas antigas heroicidades portuguezas.

Mas se todas são do mesmo vate, como é que se distinguem tanto, como subiu e desceu de tom ao mesmo tempo, como variou tanto de genero, d'estro, e d'estilo e tão facilmente?

Como é que por exemplo no *Firmamento* se podia mostrar original, n'um assumpto, que estava completamente fóra do seu alcance, e não concebeu senão triviaes e insipidas elegias, e cantos, a que eu chamarei heroicos, egualmente vulgares.»

Declarou-me n'uma carta o sr. Antonio de Serpa, que sempre «julgára o *Firmamento d'outra inspiração*».

E o proprio sr. Theophilo Braga, em 1871, n'uma sala de Anselmo de Moraes, e em presença do sr. Joaquim de Vasconcellos, director da Eschola Industrial, ao denunciar-lhe eu o roubo dos versos, exclamou n'um impeto de sinceridade, «*eu já vi isso, que o Firmamento não é de Soares de Passos*». Invoco o testemunho do sr. Vasconcellos.

O sr. Braga offereceu-me depois a sua *Historia litteraria* para inserir a minha reclamação, como já disse, mas faltou á sua voluntaria promessa.

As poesias do livro do sr. Passos formam trez classes:—1.ª as que são propria e integralmente suas—2.ª os que o são *só em parte*—3.ª aquellas em que metrificou os themos, que longamente lhe explanei, onde ha comtudo alguns versos meus.

No numero seguinte faremos ver como se distinguem.

A *Infancia e Morte*, de que lhe dei uma copia, e que o sr. Silva Ferraz não ouviu recitar-lhe, não é minha, nem do sr. Passos—é uma versão do francez, mas como o glorioso plagiario ignorava a origem d'ella, a *apresenta como sua, o que deve notar-se*.

Antes de me ser remettida a *Edição* ou *Collecção* dos Bardos feita em 1854 li nas famosas *Idéas Modernas* do sr. Theophilo, que o *Noivado* fora publicado no n.º 4 com data de 1852 (e dois).

Eu não podia saber, se o sr. Theophilo tinha ou não o n.º que citava—como sendo *um dos exemplares distribuidos n'aquelle anno*.

Mas logo lhe dirigi a seguinte carta na *Vitalidade*, a 19 de Novembro de 1904.

«Chegou ás minhas mãos o *Bardo* jornal, onde foram publicadas varias poesias desde 1852 até ao fim de 1854.

«Vi logo o engano de V., que lhe affirmei antes de ler o documento julgado decisivo nas suas *Idéas Modernas*,

«A data 1852, nas costas do n.º 4, *considerado authentico*, illudiu a S. Ex.ª e talvez não me illudisse, se o sr. Theophilo fosse o auctor do *Noivado*.

«Só o *Bardo primitivo* (quero dizer, algum n.º 4, que fosse distribuido em 1852) poderá decidir entre mim e Soares de Passos.

Este senhor estava já no Porto, quando se reimprimiram ou se colligiram os Bardos, e ahi publicou o *Noivado, em alguma folha ou pagina, que se reimprimisse*.

«Impossivel é que não seja assim».

«E a typographia conservou a esse numero, todo ou só em parte reimpresso, a data, que tinha, de 1852, ficando todavia falsa para a ballada».

Note-se, como apesar da citação do grande Mestre, *immediatamente* lhe neguei com firmeza, que houvesse lido o *Noivado* em qualquer n.º dos *Bardos de 1852, bardos* que eu nunca vi, e de que ignorava a existencia.

Como é que eu podia, sem ser o autor do *Noivado*, affirmar ao sr. Theophilo que era impossivel tel-o visto nos *Bardos* d'aquelle anno?

E lá na verdade não o leu, nem podia ler, citava o n.º 4 falsamente.

Depois asseverou *sem provas* que o *Bardo* nunca fora reimpresso; sem provas, e não podia tel-as e sem provas calumniou-me.

Foi reimpresso ao menos nas folhas ou em parte d'ellas, onde apparecem o *Noivado e os Anhelos*.

Um contemporaneo dos *Bardos* desmente o sr. Theophilo, como vimos.

Acabava d'escrever estas linhas quando me vieram trazer *a Perola*, jornal que se publica em Ovar, do qual não conheço os redactores, nem sei quem são; redigido com bastante elegancia e muito conceituoso merece que o animem e protejam.

Aqui lhe agradeço o interesse que toma pela minha justiça como reclamante do *Firmamento*.

Informa nos de um facto significativo a duvida, que a varios suggeriu essa poesia de não ser do sr. Passos, duvida, que espontaneamente salteou os espiritos dotados de alguma critica e não desfeita com qualquer outra composição semelhante.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida Medeiros.

SAUDADE

Era mentira quando o seio ardente
Inda tremente sobre o meu senti!
Oh! que loucura n'esse vão desejo,
N'aquelle beijo que ao te dar morri!

Lembra-me ainda o clarear da lua
Quando na tua minha mão tremeu;
Inda imagino teu vestido aereo
N'esse mysterio que me enlouqueceu.

Humida nuvem de uma luz saudosa
A face rosa te cobriu... passou;
Como de orvalho esse véo nitente
Que o lyrio algente de pudor curvou.

Oh! que alegrias, nos jardins, nas salas,
As dôces fallas de te ouvir sonhei!
Entre as roseiras, do luar queridas,
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade
Murcha saudade do sonhar fagueiro:
E' flôr que exprime, quando passas linda,
A vida finda do amor primeiro.

(Brazil) *Conselheiro J. Bonifacio.*

NOTICIARIO

TEMPO

—

Tem sido secco, mas muito fraco, em virtude das rijas nortadas e das nevoas, que tem havido.

Tem, por isso, corrido muito mal para as novidades, em especial para os vinhedos, de cujas *nascenças* já se acham perdidas cincoenta por cento.

PESCA

—

Tem continuado o trabalho de pesca, na costa do Furadouro, mas sempre de resultado insignificante.

Uma reforma humanitaria

—

O sr. Briand, ministro da justiça da França, acaba de tomar a iniciativa d'uma medida de grande alcance.

No projecto de orçamento do ministerio da justiça que brevemente será distribuido aos representantes da nação, fez inserir, no capitulo 16, uma nova disposição que mostra o proposito em que elle se encontra de reparar, tanto quanto possivel, os erros ou as faltas da justiça.

O capitulo 16 do orçamento de aquelle ministerio compreende as despezas de revisão dos processos criminaes, as indemnisações a conceder ás victimas de erros judiciarios, assim como os soccorros a prestar aos que requerem aquella revisão.

Pois o sr. Briand fez lançar n'este capitulo um credito de dez mil francos, destinado a indemnisações aos individuos que, detidos pelo crime de vagabundagem, foram depois postos em liberdade por se reconhecer que são pessoas honestas e têm uma profissão, ou áquellas que, levados aos tribunaes, forem absolvidos.

Contribuições

—

Termina, no dia 31 do corrente, o prazo para o pagamento da segunda prestação das contribuições geraes do Estado.

Novo processo de conservar os comestiveis

—

Descobriu-se um novo meio de conservar as substancias comestiveis, muito superior ás camaras frigorificas.

Mettem-se os comestiveis n'uma camara hermeticamente fechada, por onde se fazem passar os vapores de certas pastilhas de preparação secreta. Assim ficam as ditas substancias envolvidas por uma atmosphera especial durante um determinado periodo de tempo, o que faz que ao sairem da camara esteja a sua superficie coberta de uma camada, invisivel mas bastante profunda, de um gaz que protege o comestivel contra a oxydação do ar, impedindo a putrefacção.

Uma vez fóra da camara o que n'ella se meteu póde-se expôr ao ar sem receio de que se altere, pois que o gaz depositado na sua superficie não se evapora emquanto não fôr posto em contacto com o calor.

Ao metter no forno as substancias assim tratadas, ou ao pôl-as ao lume, o gaz em questão desprende-se, deixando-as no mesmo estado em que se encontravam antes do tratamento a que foram submetidas.

A composição chimica do va-

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

—O mancebo a quem vamos dirigir-nos, é-lhe, sem duvida, muito affeiçoado, vista a certeza que tendes de encontral-o prompto a acolher-me?

—Se ha alguem no mundo a quem elle estime, esse alguem sou eu, apezar das minhas reprimendas, e de tanto importunal-o quando era meu discipulo. Todavia, a certeza de me conceder o que vou pedir-lhe para ti, não a tenho. Ha-de ter repugnancia, mas espero.

—E, com certeza, elle sabe a meu respeito tudo que me não permittis que eu saiba?

—Elle? elle não sabe absolutamente nada, e nada deve saber antes de ti. O pouco que não deveis ignorar, dir-vol-o-ei, e depois o Peccinino adivinhará mais, talvez, do que é preciso. E' muito perspicaz, mas o que elle deduzir não to vem contar e, o que pretender descobrir não t'o pergunta; sobre isso estou bem socegado. Agora, silencio; deixamos os bosques para entrar em ladeira da montanha habitada e cultivada. Devemos penetrar desapercebidos, o mais possivel, no retiro onde o nosso homem nos espera.

O frade e Miguel lá foram andando, mudos e com precaução ao longo dos renques e massiços d'arvores, procurando a sombra e fugir dos caminhos traçados; em pouco tempo chegaram, protegidos do crepusculo, a habitação do Peccinino.

XXIV

O Peccinino

No flanco da montanha, que Frei Angelo e seu sobrinho não pararam de subir durante duas horas, está o grande burgo de Nicolosi, cuja população é consideravel, o ultimo ponto civilisado onde pára o viajante que quer visitar o Etna, antes de se enveredar na região austera e grandiosa das florestas, chamada *Silvosa* ou *Numerosa* onde o frio é já mui sensivel, e a vegetação toma um caracter de horror e de abandono, até desaparecer sob o musgo e seixos aridos; e para álem não se vê senão neve, enxofre e fumo.

Nicolosi e a magnifica paisagem que a rodéa, estavam já sepultados na penumbra, quando Miguel se lembrou de considerar o lugar onde estava. A imponente massa do Etna havia tomado uma côr uniforme, e quando muito poderia distinguir á altura de mil passos o cume do Monte-Rosso, este vulcão inferior, um dos vinte ou trinta filhos do Etna, fornalhas apagadas ou accesas recentemente, que se erguem em baterias a seus pés. Foi o Monte-Rosso que abriu a sua bocca negra, não ha dois seculos, para vomitar esta medonha lava de que o mar de Catonia ainda esta sulcado.

Hoje, sobre esses destroços, que ainda conservam um ar ardente, cultivam os camponezes a vinha e a oliveira.

A habitação do Peccinino, isolada no monte, distante um meio kilometro do burgo, e separada d'este, por uma quebrada bastante clivosa, marcava o limite d'um terreno fertil, banhado d'uma branda atmosphera e suave. A algumas centenas de passos a cima, já era frio, e o horror do deserto annunciava-se na ausencia da cultura; as correntes de lavas eram tantas e tão extensas, que a montanha d'este lado parecia já não poder ser transitavel. Miguel observou que esta situação favorecia perfeitamente as vistas d'um homem, que se tornára meio cidadão, meio selvagem.

Em sua casa podia estar socegado; fóra d'ella podia fugir á vigilancia e ás exigencias da lei.

A collina, d'um lado escarpada, fertil e suave do outro, estava coberta até ao cimo, d'uma luxuriante vegetação, propositadamente sustentada por quem era laborioso e intelligente. O jardim de Carmelo Tomabene tinha fama pela belleza e abundancia de seus fructos e flores. Mas não deixava lá entrar, suspeitoso, circumscrevendo-o com uma alta paliçada coberta de verdes.

A casa, regularmente grande e com bôa construcção, sem luxo na aparencia, fôra erguida sobre as ruinas d'uma pequena fortaleza, abandonada. Alguns restos das espessas muralhas, e o sôcco d'uma torre quadrada, aproveitado para escorar e augmentar o novo edificio, davam-lhe um caracter de solidez e um certo ar de importancia, meio rustico, meio senhoril. Não passava porém, de uma casa de agricultor abastado, mas via-se que um homem distincto em seus costumes e gostos n'ella poderia viver sem desagrado.

Frei-Angelo aproximou-se da porta, escondida na sombra, e procurou entre as madresivas que a emolduravam, uma corda que seguia ao longo d'um caramanchel de videiras, e correspondia a uma campainha posta no interior da casa; mas o seu som era tão abafado que se não ouvia de fóra. A corda mettida entre os verdes, só a via quem estava iniciada n'este signal. O frade puchou-a tres vezes devagar e com attenção, depois mais cinco, mais duas, mais tres ainda, e cruzou os braços por cinco minutos; recomeçou os mesmos signaes, pela mesma ordem e circumspecção. Uma badalada a mais ou a menos, tel-os-ia deixado, o hospede mysterioso, esperar toda a noite sem lhes fallar.

Abre-se finalmente a porta do jardim—um homem de pequena estatura, embrulhado n'um capote, aproxima-se, pega na mão Frei-Angelo, lhe falla ao ouvido alguns instantes, volta-se para Miguel, manda-o entrar e caminha á frente, depois de fechar cuidadosamente a porta.

(Continúa)

Clara de Miranda.